

## ANINGAL

### I

Antônio **Aldo Arrais** Batista Torres de Castro

Homenagem do trovador ao querido bairro do **Aningal**, no dia da festa do padroeiro São Sebastião.

Aningal,  
Teu povo, nesse tempo era feliz, alegre e jovial.  
Aningal, futuroso, que cresce e progride todo dia.  
Bairro simpático, saudável, populoso.  
Povo bom, hospitaleiro, prestimoso.  
Aningal, do comércio forte e bem sortido de primeira qualidade.  
Movimento, vai e vem, barulho, animação.  
Colonos que entram e chegam na cidade  
Escoando produção.  
Aningal, do passado dos imensos e verdes aningais  
Origem do teu nome respeitado.  
Aningal das grandes ladeiras.  
Passagem dos tucumanzais.  
Beco das bacabeiras que não existem mais.  
Barracão da festa, enfeitado, colorido,  
Branquinho, limpinho, embandeirado.  
Aningal, das casinhas pobres, modestas,  
Ventiladas e cobertas de palha ou cavaco,  
Chão batido, algumas totalmente embarreadas.  
Do coreto, do clipper, valiosa obra de arte  
Criminosamente demolida.  
Muito verde, muitas flores e ar puro em toda parte.  
Aningal, das travessas e das ruas  
Que eram caminhos do seu Josino, do Arigó,  
E do velho Baltazar, dos Corrêa, dos Leitão,  
E dos Marinhos, primeiros moradores do lugar.  
Aningal, do olho d'água permanente  
Brilhante, límpido, corrente.  
Lágrimas da "mãe" desse Aningal  
Cobra Coral que no Poço Encantado  
Seu abrigo, chora a transformação do bairro antigo.  
Aningal, da garapa, da canjica, do melado saboroso.  
Dos enormes quintalões capinados,  
Varridos, bem cuidados.  
Bate-papo sadio, leve, gostoso, na porta das casas,  
Rodinhas e grupos animados dos puxiruns,  
Ladainhas, terços e serões.  
Comboios de burros e cavalos, carros de bois, carrinhos, biguás,  
Jamanxins, paneiros, e outro transporte popular.  
Nordestino Assis Carneiro vendendo miudezas no varejo,  
A grosso e atacado, comerciante sério, correto, pioneiro.

Farmácias e drogarias Orzila Souza, Santa Isabel e Zé Luiz.  
Padaria do Broa, do Raimundo Torresmo,  
Lingüiça e peixe frito na banca do Zelão.  
Comércio do Dedé – José Leite de Melo.  
Casas Boa Esperança, Ponto Chic e Ponto Belo.  
Família dos Arruda e dos Cué, seu Lauro e a velha garapeira.  
Tuna Bar, Bar da Rita, Bar da Lua, Bar Niquita.  
Quiosque, baiúca Mangabeira.  
Banca de comida e de café Bom Apetite  
Da Maria da Glória e da Chiquinha Costureira,  
Mimi, Anica, Tereza, Jita Flores,  
Pensão da Dores.  
Consultório do Dr. Raiz, do Policarpo,  
E do Mãozinha no serviço dentário.  
Os banhos defumados e garrafadas do Macário.  
Das pedreiras, do leprosário,  
Da serrinha Cucuruta e da Cucurutinha.  
Família Araújo, Antão, Brito, Barbosa.  
Os Yared, do Michel e da Sofia, grandes comerciantes,  
Do Luiz do Campo, do Queiroz, do Pedro Carmosa, dos Gonçalves,  
Dos Ferreira, dos Sampaio e os Canturia dos Pantoja,  
Marques e Brilhantes.  
Pezinho, Tote, Bagito, Durval e Antônio Melo,  
Coradores afamados.  
Dico Bozó, Chiquinho Magalhães, Vavá,  
Os Sarmento e os Caroados,  
Carreiros mais antigos do tempo da vara de ferrão,  
Do chicote e do açoite.  
As mariposas da noite Mulata, Preciosa,  
Ritinha, de Lourdes e Ana Perereca.  
Conjunto de pau e corda “É com esse que eu vou”.  
Sabá Raposo, tocador de violino e de rabeca  
Que um motorista maluco atropelou.  
Colonos valentes, simples, corajosos.  
Chico Pedro, Chico Velho, Chico Bento,  
Chico Ananias – destemidos, leais, audaciosos.  
Manelito Carvoeiro, artesão, penteeiro e sapateiro.  
A numerosa prole dos Farias,  
Severino Fogueteiro com suas bombas,  
Foguetes e rojões alegrando as festas do arraial.  
Mestre Antônio, das fogueiras, dos mastros e balões.  
Nego da Jarina, o rei do Carnaval do Aningal de S. Sebastião.  
Escola Paroquial, professoras Darica,  
Mariazinha Barbosa, Cachelina e Tutica,  
Oneide, Florinda, Anunciação.  
Botequim do seu Raiol.  
Árvores frutíferas, laranjeiras, cajueiros, grandes bananais.  
Corridas de cavalos, campo de futebol.  
Mangueiras nas ruas, praças e quintais.  
Ubirajara Barbeiro, seu Cardoso, tia Mundica,

Dona Cota, Pretinha e tia Dadá parteira,  
Rezadeiras, humanas e caridosas.  
Cigana Rica, Quitéria, Chica Flor e Dulcinha Sabiá,  
Festeiras de renome e de fama.  
Dona Francisca, tia Baruca,  
Banca de arroz doce, bolinho e tacacá.  
Cozinheira e doceira da Fuluca,  
Costureira Mimi, Zinha, Anica e Jita Gama,  
Mulheres da vida fácil, nova geração,  
Maricota, Binoca, da Luz, Maria da Graça.  
Ponto 1, motoristas da praça:  
Vovô, Meireles, Álvaro Chaves, Aladino,  
Bobó, Cacau, Perbone e Ascendino.  
Os Moura, os Binga, mestre André, mestre Janjão,  
Berengos, Beré, Chico Viana  
Mestre Olavo celeiro, cabo Firmino Marvão,  
Nega Zulu, nega Salustiana.  
Porta Torta do Hércules Cabral.  
Casa O Remanso, a mais velha, centenária,  
Vendinha do Quelé, Armazém “O Vencedor”.  
Repentistas e compositores:  
João Caçador e Antônio Cantador.  
Floristas: Terezona, Josefina, Januária.  
Travessa e rodovia Lauro Sodré.  
Casas comerciais: São Raimundo,  
São Pedro e São José.  
Garotas que já foram sensação:  
Iracema, Margarida, Ritinha, Marília, Josefina,  
Santana, Mocinha, Dora, Filica e Conceição.  
Os Mesquita, pai e filhos, gente fina.  
Centro Esportivo, Rio Negro, Rodoviário e Aningal,  
Clubes queridos e famosos.  
Porão Grande e Porãozinho. Pousada “Tá na Cara”.  
Mansão dos Inocentes, Salgadeira, Bar Ventania.  
Boites Fogo na Roupa, Pinga Fogo, Guanabara,  
Quebra Pote, Curral das Éguas, Ringue – são fantasias.  
Açougueiros: Pernambuco, Arnulfo, Anacleto e Alencar.  
Bucharia do Waldemar.  
Jiquita conserta máquina de costura, relógio e espingarda.  
Músicos saudosos, fabulosos, heróis da velha guarda:  
Chinês, Oracílio, Mestre Atico, Pretinho, Tibúrcio,  
Vitório, Porfírio, Aragão no tambor, Pachaóca, Raimundo Cutia,  
Dudu, Moacir e Zé Valente, Antônio Simões, Gabriel, Antônio Rocha e Bastião, os reis  
do violão.  
Manuel Gregório, colônia de pescadores,  
Marreteiros ambulantes, pequenos vendedores de rebuçados, cocada e pirulito,  
Croquete, pão doce e cuscuz do Manelito.  
Mil recordações, muitas outras famílias,  
Histórias, origens, tradições,  
Gente que será o tema do meu próximo poema.

Aningal, da praça enorme,  
Ampla, bonita, que lotearam e venderam  
– marmelada esquisita, negócio sujo, suspeito, imoral transação, vergonhosa e ilegal,  
autêntica trapaça.  
Que saudades da praçona que tristeza!  
Deixaram o bairro do Aningal sem praça e sem pulmão,  
Sem ar e sem beleza.  
Diretores de clubes, sem qualquer seriedade,  
Inimigos do bairro e da cidade,  
Sem visão do futuro e do processo em geral, por trinta dinheiros venderam metade da  
Praça do Aningal.  
Enquanto não soltarem a Cobra Grande prisioneira,  
Fortemente acorrentada no lugar da Olaria  
No solapão seu “encanto natural”,  
No fundo do poço da Marreca, o olho d’água do Aningal não seca.  
Aningal, maravilhoso bairro pacato e bom para viver.  
Recanto de amor, de esperança e de promessa.  
Dos olhos d’água que não param de escorrer  
Nos quintais e no leito da travessa.  
Aningal, sempre crescendo, tem futuro, é uma promessa.  
Do olho d’água escorrendo no asfalto e na travessa.

**(Aldo Arrais - 20/01/1985)**